

## Percepção dos discentes frente aos problemas encontrados pelo autista e seus familiares na assistência de enfermagem

Student's perception of the problems encountered by autistic individuals and their families in nursing care

 DOI: 10.5281/zenodo.7996249

 ARK: 57118/JRG.v6i13.569

Recebido: 26/03/2023 | Aceito: 01/06/2023 | Publicado: 01/07/2023

### Eliene Maria de Jesus Santos<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-2787-0017>

 <http://lattes.cnpq.br/4404158127882730>

UNICEPLAC, DF, Brasil

E-mail: elienemariana@gmail.com

### Gabriela Santana Melo<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0009-0009-8598-4267>

 <http://lattes.cnpq.br/5706774900950698>

UNICEPLAC, DF, Brasil

E-mail: gabi.ximelo@gmail.com

### Thaynara Ketelem Alves Cardoso Macario<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0009-0004-4124-5183>

 <http://lattes.cnpq.br/4115729353384009>

UNICEPLAC, DF, Brasil

E-mail: thaymacario@outlook.com

### Angelita Giovana Caldeira<sup>4</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-2951-9629>

 <http://lattes.cnpq.br/6365595517463852>

UNICEPLAC, DF, Brasil

E-mail: angelita.caldeira@uniceplac.edu.br



## Resumo

Resgatar autonomia e integração social das pessoas com autismo é um esforço de extrema importância e transversal a múltiplos domínios da saúde, tendo os enfermeiros um papel fundamental nesse processo. **Objetivo:** Analisar a percepção dos discentes acerca dos problemas enfrentados pelo autista e seus familiares na assistência de enfermagem. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória com abordagem quali-quantitativa, realizada na UNICEPLAC, cuja amostra composta por 75 graduandos de Enfermagem do 8º, 9º e 10º semestre, a coleta de dados foi realizada através de questionário em fevereiro de 2023. **Resultados:** Após análise dos resultados evidenciou-se que 57% dos entrevistados talvez tenham interesse em atuar de forma assistencial ao autista, 79% relataram já ter tido contato, 47% tem um conhecido portador do TEA, 31% acham que a falta de

<sup>1</sup> Graduação em andamento em Enfermagem pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, UNICEPLAC.

<sup>2</sup> Graduação em andamento em Enfermagem pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, UNICEPLAC.

<sup>3</sup> Graduação em andamento em Enfermagem pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, UNICEPLAC.

<sup>4</sup> Mestrado em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília. Possui graduação em Enfermagem pela Universidade de Marília (2005). Atualmente é coordenadora do curso de enfermagem do Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos - UNICEPLAC.

profissionais capacitados seja a maior dificuldade enfrentada, 97% que é importante abordar esse assunto durante a graduação. Tivemos um empate (49%) nas opções moderado e desafiador quanto a dificuldade do enfermeiro; 29% acreditam que a importância do enfermeiro seja a humanização na assistência ao paciente, 75% responderam que talvez saberiam identificar um autista; sobre as características autísticas grande parte (30%) acredita que seja a dificuldade nas interações sociais. **Considerações finais:** Neste estudo, observou-se que os estudantes de enfermagem tinham uma compreensão razoável sobre o autismo. Dada a prevalência e complexidade do TEA, é importante abordar o TEA na graduação para que os estudantes de enfermagem e futuros profissionais tenham mais confiança e conhecimento para prestar cuidados éticos a essa população.

**Palavras-chave:** Transtorno do espectro autista. Assistência de enfermagem. Papel do enfermeiro. Dificuldade dos autistas e familiares.

### **Abstract**

*Rescuing autonomy and social integration of people with autism is an extremely important effort that cuts across multiple health domains, with nurses having a fundamental role in this process. **Objective:** To analyze the perception of students about the problems faced by autistic people and their families in nursing care. **Methods:** This is descriptive exploratory research with a quali-quantitative approach, carried out at UNICEPLAC, whose sample consisted of 75 nursing students from the 8th, 9th and 10th semester, data collection was carried out through a questionnaire in February de 2023. **Results:** After analyzing the results, it was evidenced that 57% of the interviewees might be interested in assisting autistic people, 79% reported having already had contact, 47% have a known person with ASD, 31% think that lack of trained professionals is the greatest difficulty faced, 97% that it is important to address this issue during graduation. We had a tie (49%) in the moderate and challenging options regarding the nurse's difficulty; 29% believe that the importance of the nurse is the humanization of patient care, 75% answered that perhaps they would know how to identify an autistic person; about the autistic characteristics, a large part (30%) believes that it is the difficulty in social interactions. **Final considerations:** In this study, it was observed that nursing students had a reasonable understanding of autism. Given the prevalence and complexity of ASD, it is important to address ASD at graduation so that nursing students and future professionals have more confidence and knowledge to provide ethical care to this population.*

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Nursing assistance. Nurse's role. Difficulty of autistic and family members.

## **1. Introdução**

O autismo é um dos distúrbios humanos mais proeminentes e amplamente discutido atualmente. O autismo passou a ter o nome técnico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual já é utilizado no dia a dia desde 2013 após a quinta atualização do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), sendo caracterizado como um transtorno neurológico com prejuízos na interação social, comunicação verbal e não verbal, comportamentos restritos e repetitivos e no uso da imaginação. Essas alterações podem aparecer em uma idade precoce, geralmente antes dos três anos de idade (NUSSBAUM, 2013).

Muita discussão envolve a conceitualização de autismo como uma deficiência ou como um conjunto único de habilidades que podem ser vistas como pontos fortes. Em um esforço para impactar positivamente o curso de vida desses indivíduos, profissionais de intervenção precoce, escolas, clínicas e outros serviços têm buscado práticas que possam funcionar de forma mais eficaz com crianças e adolescentes com autismo. A crescente prevalência do autismo aumentou a necessidade de ações educacionais e serviços de tratamento eficazes, e as intervenções baseadas na ciência fornecem muitas evidências de um impacto positivo (URBANOWICZ *et al.*, 2019).

O TEA pode variar o estado intelectual de retardo mental a acima da média. Essas características atingem de 1 a 2% da população mundial e, no Brasil, aproximadamente dois milhões de pessoas. Pelos dados do Center for Diseases Control and Prevention (CDC), dos Estados Unidos, entre as crianças a proporção é de que uma a cada 44 seja afetada. A incidência é quatro vezes maior em meninos do que em meninas. Inclusive, por isso, a cor associada ao autismo é o azul (CDC, 2018).

O fenótipo dos pacientes com TEA pode variar muito, abrangendo desde indivíduos com Deficiência Intelectual (DI) grave e baixo desempenho em habilidades comportamentais, até indivíduos com Quociente de Inteligência (QI) normal, que levam uma vida independente, sendo estes associados ou não ao comprometimento de linguagem. Esses indivíduos também podem apresentar uma série de outras comorbidades como: hiperatividade, distúrbios de sono e epilepsia (APA, 2013).

Segundo o DSM-V, o autismo pode ser classificado de acordo com a gravidade do distúrbio, analisando o grau de comprometimento intelectual e de linguagem e o grau de dependência do indivíduo. Portanto, devem ser classificados como: Nível 1 ou leve, para pessoas que precisam de pouco apoio e que têm dificuldade de comunicação, mas têm interação social irrestrita; nível 2 ou moderado que precisa de apoio, que não se comunica de fato e tem barreiras linguísticas; nível 3 ou grave/severo necessidade de mais apoio, falta grave de comunicação verbal, interação social, declínio cognitivo, tendência ao isolamento social e incapacidade de lidar com a mudança (APA, 2014).

O ano de 2012 é um marco na história dos autistas, pela criação da lei nº 12.764 que também é conhecida como Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, considerando o TEA uma deficiência e assegurando os direitos como: vaga de estacionamento exclusiva, prioridade em atendimentos públicos e privados, diagnóstico precoce, e dentre vários outros (BRASIL, 2012).

Já em 2020 no dia 08 de janeiro foi sancionada a lei Romeo Mion de nº 13.977, em que institui a criação da Carteira de identificação da pessoa com TEA (CIPTEA), devido a impossibilidade da identificação visual dessas pessoas que não apresentam características físicas como a Síndrome de Down, por exemplo. Com essa carteira o portador de TEA poderá se identificar, e terá todos os seus direitos assegurados (BRASIL, 2020).

O TEA é uma condição de saúde que acarreta à pessoa portadora desse transtorno muitas limitações físicas, sociais e psicológicas, uma vez que quando sua identificação é realizada de forma precoce essas alterações podem ser minimizadas e o impacto na vida dessa pessoa, família e comunidade pode ser alterado. Os profissionais de saúde, em especial o enfermeiro e a equipe de enfermagem que atuam em diversos serviços na Rede de Atenção à Saúde (RAS), é quem avalia o crescimento e desenvolvimento das crianças. O diagnóstico precoce e certo é

estabelecido e apreciado por esses profissionais para realizar o direcionamento e matriciamento quanto à essa demanda de saúde da população ali atendida.

Desta forma, torna-se um tema bastante relevante para o cuidado do paciente e sua família, onde se busca orientar mais ainda os enfermeiros para serem capazes de responder de forma correta e eficaz, e, engajar-se em uma abordagem holística ao cuidado do autista e seu núcleo familiar a fim de que esses indivíduos possam ser efetivamente atendidos como um todo. Para essa temática ainda há poucos trabalhos científicos disponíveis, com isso o tema irá evidenciar com base na literatura e na pesquisa de campo, ampliar o conhecimento sobre o assunto. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral, identificar a percepção dos discentes frente às dificuldades encontradas pelos autistas e seu núcleo familiar na assistência de enfermagem.

## **2. Referencial teórico**

Em 1943, o psiquiatra austríaco chamado Leo Kanner, pela primeira vez retratou o autismo com características padrão, após um estudo com onze indivíduos em que apresentavam transtorno de forma grave, apresentando características como: incapacidade do contato afetivo, obsessão, ecolalia e estereotipia; porém, cada um com a sua especificidade, após o estudo esta patologia recebeu o nome de “distúrbio autístico do contato efetivo” (KANNER, 1943).

No ano de 2013 foi quando o autismo recebeu o nome de TEA devido a nova versão do DSM-V. Este transtorno causa disfunções físicas no cérebro, afetando o comportamento humano, a comunicação e a socialização do indivíduo. Muitas vezes é representado pela figura de um quebra-cabeça, em que expressa sua diversidade e complexidade. O profissional da enfermagem é parte imprescindível para a identificação dos primeiros sinais e sintomas do TEA, pois é a porta de entrada na atenção básica e está envolvido na saúde infantil, o enfermeiro avalia o desenvolvimento da criança nas consultas de Crescimento e Desenvolvimento - CD (BORTONE, 2016).

### **2.1 Diagnóstico**

Por ser de natureza clínica, o diagnóstico do TEA é feito por análise comportamental e indicadores que descrevem a história do desenvolvimento com base em critérios contidos em manuais diagnósticos, tais como: DSM-V e Classificação Internacional de Doenças (CID-11) da Organização Mundial da Saúde (OMS) que reúne todos os transtornos do espectro do autismo: autismo infantil, síndrome de Rett, síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância (F84.3) e o Transtorno com hipercinesia (TDAH), por exemplo, em apenas um diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista. Com isso, essas subdivisões estão agora inteiramente relacionadas a certos distúrbios da linguagem funcional ou deficiência intelectual.

### **2.2 Tratamento**

Para o tratamento do TEA, é necessária uma equipe multidisciplinar, devendo ser composta por Fonoaudiólogo, Terapeuta Ocupacional, Psicólogo, Médicos, Neurologistas, Psiquiatras, Pediatras e Enfermeiros, profissionais que irão contribuir na construção de um plano terapêutico, além de promover ações educativas para informar o paciente e a família sobre o próprio transtorno e seu tratamento (SILVA e MULICK, 2009).

Não há um método ideal para tratamento de TEA, pois deve-se considerar as especificidades de cada caso, de forma a adotar uma abordagem e/ou a combinação de diferentes cuidados à pessoa com TEA. Como tratamento clínico embasado na psicanálise, tecnologias de abordagem comportamental como o Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children (TEACCH), métodos de comunicação suplementar e alternativa, recursos terapêuticos complementares, a exemplo da musicoterapia, e o tratamento medicamentoso (PADILHA, 2008).

Após o diagnóstico e determinado o grau do TEA, será investigada a necessidade de intervenção medicamentosa para controlar o quadro de sintomas, principalmente problemas comportamentais graves. Algumas das classes farmacológicas mais utilizadas são os antipsicóticos atípicos, com destaque para a Risperidona, além dos inibidores seletivos da recaptção de serotonina, antidepressivos, estabilizadores de humor e anticonvulsivantes (LEITE; MEIRELLES; MILHOMEM, 2015). Estes medicamentos não atuam diretamente na causa do TEA, pois o mesmo é de etiologia multifatorial, mas auxiliam no controle das desordens comportamentais, melhorando a qualidade de vida, minimizando as dificuldades e promovendo uma melhor interação social (LACIVITA, 2017).

### **2.3 Atividades do enfermeiro durante o desenvolvimento da criança**

A enfermagem representa o conforto da pessoa autista, auxiliando na recuperação, intervenção terapêutica, reconhecendo capacidades e potencialidades, aceitação, enfrentamento e limitações da vida (CRUZ; XAVIER, 2013). É também uma das responsáveis por apoiar as pessoas com autismo e seus cuidadores. Além de participar e auxiliar no processo de promoção, prevenção e recuperação da saúde, busca quebrar preconceitos socialmente criados (SENA, 2015).

É responsabilidade do profissional de enfermagem identificar os sinais e sintomas que a criança apresenta e encaminhá-la para uma equipe multidisciplinar, atuar também como mediador entre a família e outros profissionais com o emprego de técnicas autocompositivas, facilitando o diálogo entre as partes e estimulando o desenvolvimento de soluções aceitáveis. Independentemente da classificação de um paciente, cada um precisará de um apoio específico para o grau de autismo identificado (ARAÚJO, 2019).

O enfermeiro é o profissional mais próximo da criança, por isso deve conhecer pelo menos o mínimo sobre saúde mental para o diagnóstico precoce de condições que requerem intervenção, como o TEA, bem como medidas e orientações para os familiares. É um agente socializador que, junto com a família, tem um importante papel como educador (SILVA, 2016).

É importante que desde o começo de sua formação o enfermeiro adquira conhecimento sobre o gene do transtorno, como se manifesta, os primeiros sinais, quais especialistas devem ser encaminhados, tratamento e como o profissional deve agir com a família nesses casos. É necessário repensar a importância da disciplina de saúde mental na grade de matérias da graduação, no currículo e nos serviços de saúde, ministrar palestras, cursos e incentivar o aprendizado acerca do TEA. Na prática, o profissional que não tem o mínimo de conhecimento sobre o TEA pode passar por uma situação na qual não saberá agir por não conhecer especificamente e nem cientificamente o transtorno (DARTORA, 2014).

A falta de conhecimento dos profissionais de enfermagem pode prejudicar o desenvolvimento e o tratamento da criança. O diagnóstico é apenas clínico e nenhum exame laboratorial ou de imagem pode detectar seu aparecimento (SOUSA, 2017). O

treinamento neste âmbito é importante para a percepção do atraso no desenvolvimento e reconhecimento precoce de transtornos como o autismo (JOHNSON *et al.* 2012).

O conhecimento científico é essencial para auxiliar o profissional a encarar a síndrome de forma diferenciada, eliminando receios e melhorando a assistência. É preciso espaço para iniciar a discussão sobre a assistência da enfermagem com pacientes autistas, identificar as fragilidades existentes e proporcionar a oportunidade para a boa prática profissional (SENA, 2015).

Em alguns casos do TEA, os sintomas são mais sutis, o que exige um tratamento individualizado de acordo com o grau na busca pelo bem-estar e evolução da saúde. Até agora, não há cura para o autismo, e o tratamento é projetado para ajudar a alcançar a independência nas atividades diárias. É necessário compreender o desenvolvimento dos parâmetros normais em cada idade, realizar uma avaliação correta e completa e conhecer as alterações da doença (CARDOSO, 2018).

### 3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória com abordagem quali-quantitativa. Uma pesquisa descritiva visa descrever o estabelecimento entre características ou variáveis de um dado fato, fenômeno. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionários e observações sistemáticas. Costumamos encontrá-lo como uma pesquisa na forma de Levantamento (SILVA, 2001). Esse tipo de pesquisa visa descrever características de uma população, amostra, contexto ou fenômeno. Normalmente são usadas para estabelecer relações entre conceitos ou variáveis nas pesquisas quantitativas. Segundo Gil (2017) pesquisas que buscam levantar a opinião, atitudes e crenças de uma população. As pesquisas exploratórias tendem a ser mais flexíveis em seu planejamento, pois pretendem observar e compreender os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

A pesquisa quantitativa envolve um conjunto de observações que são comparáveis entre si, assumindo que tudo pode ser "quantificável", nada mais é do que descrever opiniões e informações numericamente para que as informações possam ser categorizadas e analisadas posteriormente. É necessário utilizar recursos e técnicas estatísticas como porcentagens, desvio padrão, médias e coeficientes (SILVA, 2001). Essas investigações são geralmente de natureza quantitativa e visam identificar e caracterizar populações ou fenômenos. Ao fazer análises qualitativas, eles tendem a usar mapas, modelos ou diagramas para categorizar recursos. Coletivamente, esses estudos buscam aprofundar fenômenos já explorados em pesquisas exploratórias, buscando as características e modelos que melhor os descrevam (LANDO, 2020).

Foi realizado com estudantes de graduação em enfermagem do 8º, 9º e 10º semestre de uma Instituição Ensino Superior (IES) privada, que oferta vários cursos, dentre eles o de enfermagem que tem por nome Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (UNICEPLAC) na Região Centro-Oeste. Os dados foram coletados por meio de questionário com perguntas objetivas e subjetivas, que abordavam dados de cunho pessoal, porém, com ênfase na percepção sobre etiologia, sintomatologia e tratamento da pessoa com TEA, além de atitudes dos estudantes frente aos pacientes com TEA e desejo em conhecer mais sobre o assunto. O questionário foi entregue fisicamente no Centro Universitário para preenchimento no ato da entrega. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética, seguindo a Resolução 466/12 que regulamenta a pesquisa em seres humanos no

Brasil. A numeração gerada para identificar a entrada da pesquisa para apreciação ética no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) – Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) foi 65357922.0.0000.5058, gerando o Número do Parecer: 5.809.561.

Após aprovação, teve início a coleta de dados, através de questionário com questões acerca dos questionamentos levantados quanto ao tema proposto, entregue aos discentes para responderem após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A amostra foi composta por 75 alunos do curso de Enfermagem, sendo considerado como critério de inclusão: ambos os sexos, alunos devidamente matriculados na Universidade; estar cursando o 8º, 9º ou 10º semestre do curso de Enfermagem. Como critérios de exclusão considerou-se: estudantes que estão afastados e/ou em licença prolongada durante a coleta de dados e aqueles que são de outros períodos. Posteriormente à coleta dos dados, os mesmos foram organizados em planilhas do excel, gerando gráficos para facilitar a visualização dos resultados, analisados por meio de estatística descritiva para apreciação quantitativa. Já o material qualitativo foi apurado de acordo com a análise de conteúdo.

#### 4. Resultados e Discussão

Inicialmente, cabe frisar que foram entregues 75 questionários, todos com retorno, representando 91% dos acadêmicos do curso de Enfermagem, restando 7 (9%) estudantes que se encontravam ausentes no momento da coleta de dados.

O primeiro bloco do questionário visa realizar o reconhecimento do perfil do participante das seguintes variáveis: gênero, idade, período em que está matriculado e se tem atuação atual (Quadro 1).

**Quadro 1 – Reconhecimento do perfil do participante**

Variáveis	N	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	63	84%
Masculino	12	16%
<b>Idade</b>		
20 a 24 anos	60	80%
25 a 29 anos	6	8%
30 a 34 anos	7	9%
35 a 39 anos	2	3%
<b>Período</b>		
8º	11	15%
9º	43	57%
10º	21	28%
<b>Tem atuação atual</b>		
Sim	34	45%
Não	33	44%
Branco	8	11%

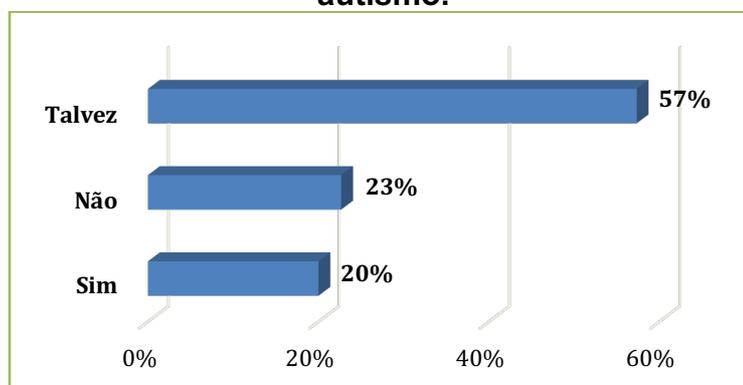
Fonte: Do autor, 2023.

De acordo com o quadro acima, torna-se claro que acadêmicas do sexo feminino retratam maior número dentro da amostra, 63 (84%), enquanto o sexo masculino representa 16%. Quando se fala da faixa etária temos predominância de 20 a 24 anos, representando 60% do quadro, evidenciando um perfil

predominantemente jovem prestes a se tornarem profissionais. Segundo a Coordenadora Geral da Pesquisa Perfil de Enfermagem no Brasil, Maria Helena Machado afirma que, a profissão de enfermagem se tornou majoritariamente feminina devido a cultura e tradição, as mulheres eram historicamente relacionadas com o ato de cuidar, mas que apresenta tendência à masculinização uma vez que esse número vem crescendo nos últimos anos (Machado MH, *et al.* 2016). Com relação ao período semestral, 21 alunos estão no último ano do curso, em fase de conclusão, o que representou 28%. Já 11 (15%) estão no 8º semestre e 43 alunos (57%) estão no 9º período, sendo a maioria.

Quanto a atuação atual, os participantes responderam se no momento estão trabalhando (não necessariamente na área), tivemos maior predominância de acadêmicos que responderam sim – 34 (45%), seguido por não – 33 (44%) e 8 (11%) deles deixaram em branco. Terribili Filho (2009) classifica os estudantes de nível superior em três categorias: estudante, estudante-trabalhador e trabalhador-estudante. Nas duas primeiras categorias a centralidade está no estudo, já a última categoria tem como prioridade o trabalho. A situação de estudante-trabalhador ou trabalhador-estudante é comum e ocorre de maneira natural durante o processo de formação. De fato, a conciliação entre trabalho e estudo vem a causar impactos positivos e negativos, mas é possível conciliar estudo e trabalho sem comprometer a formação acadêmica. No segundo bloco do questionário foram feitos questionamentos sobre o interesse em atuar de forma assistencial a pacientes com autismo.

**Gráfico 1 – Interesse em atuar de forma assistencial com pacientes com autismo.**



Fonte: Do autor, 2023.

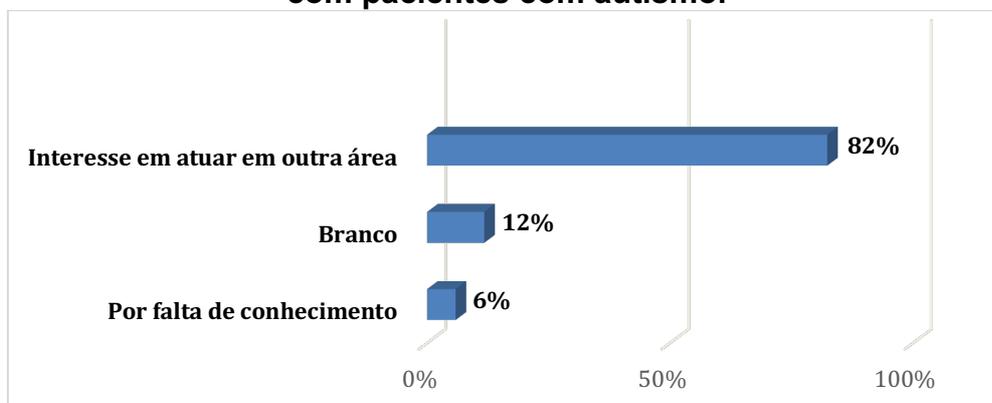
Dentro da amostra, 57% (43) dos entrevistados referiram que talvez tenham interesse em atuar na assistência a pacientes autistas, 23% (17) não demonstraram interesse e 20% (15) afirmaram ter interesse nessa área. Durante a graduação observa-se pouca abordagem, com isso grande parte não tem conhecimento ou segurança em relação à assistência de enfermagem ao paciente com TEA. Atuar de forma assistencial a pacientes com autismo pode ser um desafio, para enfrentar esses desafios, novas estratégias de ensino e de prática devem ser traçadas de acordo com o perfil de cada instituição de Ensino.

O número de pesquisas e publicações sobre o autismo é limitado, principalmente, no que diz respeito à assistência e intervenção de enfermagem, dificultando a atuação destes profissionais de saúde, que buscam por embasamento teórico que possam auxiliar no atendimento e cuidado aos portadores do Transtorno do Espectro Autista e seus familiares (COSTA, 2022).

Assim, entender e aprender o dia a dia de famílias que convivem com o autismo, possibilita ao enfermeiro o benefício de planejar a assistência voltada às necessidades do portador do TEA e de seus familiares. Diante do paciente autista, compete ao enfermeiro o papel de humanização, acolhimento e entendimento, estabelecendo limites, orientações e apoio à família. Destaca-se, que o cuidado, será efetivo a partir do momento que o profissional de enfermagem tiver embasamento teórico, proporcionando assim segurança para contribuir (NASCIMENTO *et al.*, 2017).

Os dados acima ratificam a afirmação de autores sobre a importância do enfermeiro em atuar de forma assistencial com pacientes com autismo. Pois, esses pacientes apresentam necessidades especiais que demandam uma abordagem específica. O enfermeiro precisa ter conhecimento sobre as características do autismo para poder oferecer o melhor cuidado possível ao paciente (DE SENA, 2015).

**Gráfico 2 – Motivo pelo qual não tem interesse em atuar de forma assistencial com pacientes com autismo.**

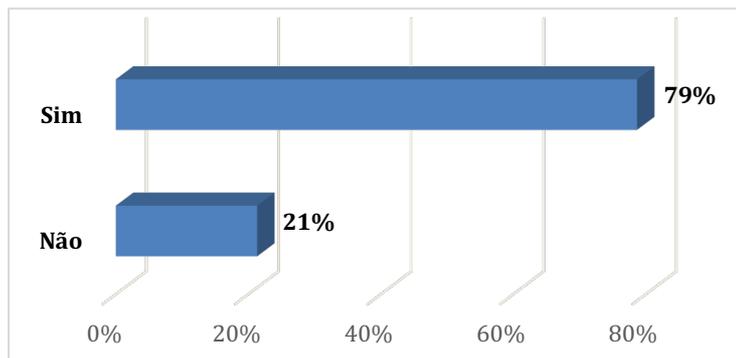


Fonte: Do autor, 2023.

Os participantes que não têm interesse na atuação explicaram o motivo, 82% responderam que tem interesse em atuar em outra área, 6% alegaram falta de conhecimento e 12% deixaram em branco (**Gráfico 2**). Neste contexto vale destacar a posição de Liria (2019) no qual afirma que existem várias razões pelas quais os enfermeiros podem não ter interesse em atuar de forma assistencial com pacientes com autismo. Muitos profissionais não têm experiência ou formação específica para lidar com esses pacientes e, como tal, podem sentir-se despreparados para o desafio. Além disso, o cuidado com pacientes com autismo pode ser estressante e exigente, pois os pacientes podem ter comportamentos desafiadores e apresentar sintomas difíceis de controlar.

Para os autores Aggio e De Jesus (2022) os enfermeiros também podem enfrentar problemas com a comunicação, pois é comum que os pacientes autistas tenham problemas de linguagem e dificuldades de expressão. Os enfermeiros precisam entender que os pacientes autistas podem ter dificuldades em expressar suas necessidades ou preocupações. Eles também precisam entender as habilidades e limitações dos pacientes autistas. Ainda é importante ressaltar que a falta de conhecimento do enfermeiro em cuidar de pacientes autistas pode levar ao desconforto dos pacientes e, às vezes, ao fracasso no tratamento (DA SILVA, 2022).

**Gráfico 3 – Contato com autistas**

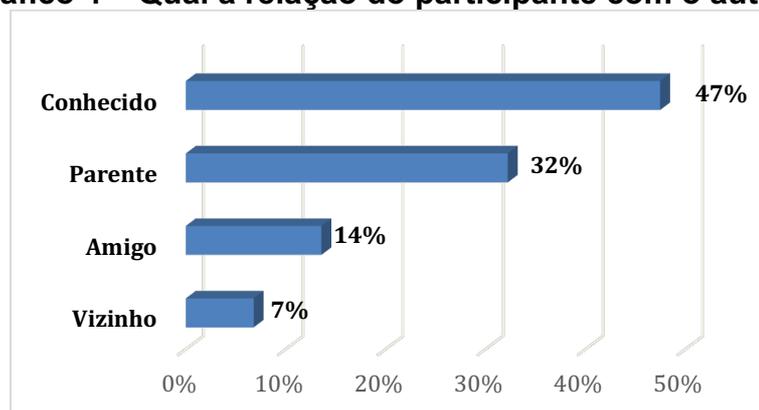


Fonte: Do autor, 2023.

Ao serem questionados se já tiveram contato com algum autista, verificou-se que 21% (16) nunca tiveram contato prévio com pessoas com TEA, enquanto 79% (59) tiveram algum tipo de contato (**Gráfico 3**). Ao se ter contato com o paciente autista é plausível que o enfermeiro entenda que o autismo traz muitos traços que afetam a afecção e evolução dos indivíduos, sendo eles o isolamento social, a falta de interação do indivíduo com o mundo exterior, a resistência a mudanças, a presença de movimentos estereotipados/repetitivos, alguns distúrbios na linguagem/fala, a inversão pronominal, falas repetitivas, a inteligência e desenvolvimento físico (DA SILVA, 2022).

Ao longo dos últimos anos, muito se tem estudado sobre o comportamento e características da criança autista. Historicamente, trata-se de um diagnóstico recente e de um tema atual. Assim, os dados epidemiológicos afirmam que o número de autistas no Brasil e no mundo tem crescido muito, logo a enfermagem terá sempre diante de seus cuidados pessoas que podem ter autismo e necessitem de cuidados especializados (PROENÇA, 2019).

**Gráfico 4 – Qual a relação do participante com o autista.**

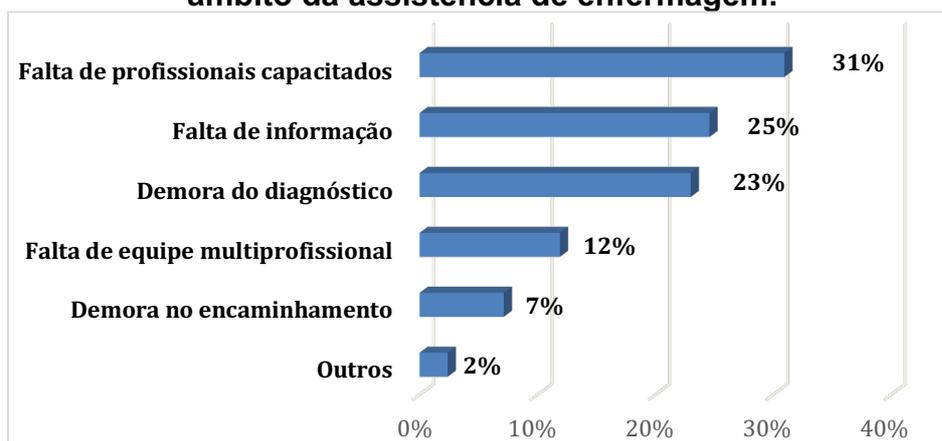


Fonte: Do autor, 2023.

Aqueles com resposta positiva especificaram qual a relação entre o participante e o autista, 32% (19) deles tinham parentes ou familiares, 14% (8) tem algum amigo no espectro do autismo, 7% (4) refere ter vizinhos e a maioria, 47% (28) tem algum conhecido inserido nesse contexto (**Gráfico 4**). Ser parente de um paciente autista e ao mesmo tempo ter a viabilidade de cuidar do mesmo, segundo Costa, Ferreira e

Ramos (2023) torna-se um fator fundamental para um atendimento de qualidade. Isso porque conhecer o paciente individualmente ajuda o profissional a entender melhor as suas necessidades, e comportamentos singulares. Ao conhecer pessoalmente o paciente as estratégias podem ser mais adequadas para um atendimento mais eficaz. É perceptível que ao estabelecer um vínculo de confiança com o paciente, a abordagem pode ser mais eficaz.

**Gráfico 5 – A maior dificuldade enfrentada pelo autista e seus familiares no âmbito da assistência de enfermagem.**



Fonte: Do autor, 2023.

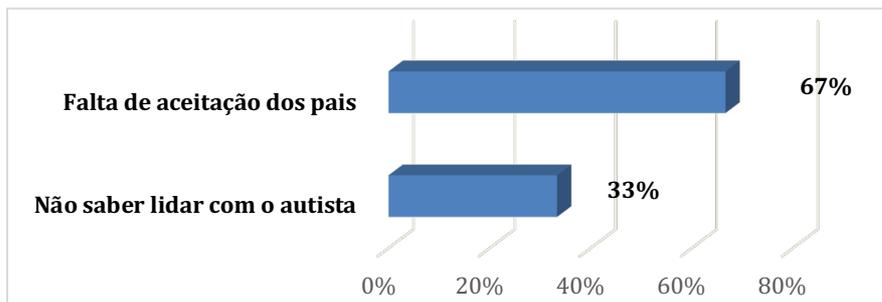
Ao estabelecer as dificuldades enfrentadas pelo autista e seus familiares no âmbito da assistência de enfermagem, a maioria dos discentes, 31% (39), acredita que seja a falta de profissionais capacitados, 25% quanto a falta de informação, 23% na demora do diagnóstico, 12% por não ter uma equipe multiprofissional, 7% deles imaginam que seja na demora do encaminhamento e 2% marcaram a opção “outros”, que foi dado espaço para expor aquelas que não estavam descritas (**Gráfico 5**).

Trindade (2022) destaca que o autismo é uma condição neurológica que afeta a capacidade de se comunicar e interagir socialmente. Assim, os autistas e seus familiares enfrentam grandes desafios na obtenção de serviços de saúde apropriados. A assistência de enfermagem pode ser especialmente desafiadora para o autista e sua família.

Para lidar com essas dificuldades, é importante que os profissionais de enfermagem busquem se capacitar e se atualizar sobre as particularidades do autismo, e que trabalhem em conjunto com os familiares e equipe multidisciplinar a fim de desenvolver competências para garantir uma assistência mais completa e adequada ao paciente (SILVA; BRANDÃO, 2019).

A maior dificuldade enfrentada pelo autista e sua família no âmbito da assistência de enfermagem é a comunicação. Os autistas geralmente têm dificuldades de comunicação e podem ser incapazes de transmitir seus sentimentos e necessidades ao profissional de saúde. Isso pode levar a problemas de diagnóstico, tratamento e cuidado (CUNHA, 2019).

**Gráfico 6 – A maior dificuldade enfrentada pelo autista e seus familiares na assistência de enfermagem – outros.**

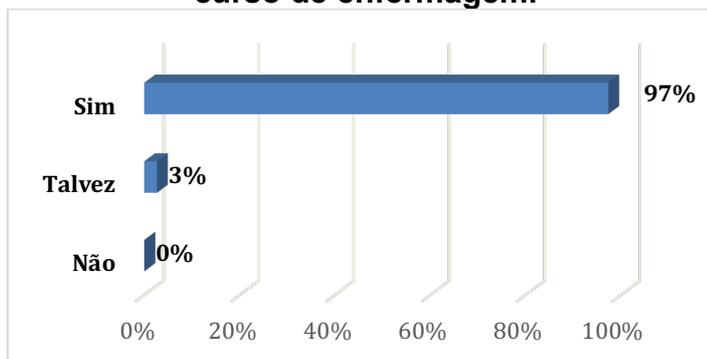


Fonte: Do autor, 2023.

O índice com maior relevância foi a falta de aceitação dos pais com 67% fazendo com que a situação se torne mais difícil e, 33% acreditam que a maior dificuldade é o enfermeiro não saber lidar com a condição do autista (**Gráfico 6**). Aguiar (2021) relata que a recusa na aceitação dos pais em relação ao autismo de seu filho pode afetar diretamente o tratamento, pois será difícil para os pais oferecer apoio e compreensão ao seu filho com autismo se eles não conseguirem aceitá-lo. Isso pode causar estresse ao filho com autismo e pode dificultar o alcance de seus objetivos terapêuticos. Os pais podem se sentir desconfortáveis com o diagnóstico de autismo de seu filho, o que significa que eles não podem oferecer o apoio necessário para que seu filho atinja o máximo de sua potencialidade.

Diante dessas informações, vale destacar que, quanto ao apoio necessário dos pais, segundo Stravogiannis (2022) o tratamento do autismo do filho pode ser mais complicado. Os profissionais de saúde podem encontrar dificuldades em estabelecer uma relação de confiança com o filho e, como resultado, os objetivos terapêuticos podem não ser alcançados.

**Gráfico 7 – A importância em abordar essa temática durante a graduação do curso de enfermagem.**



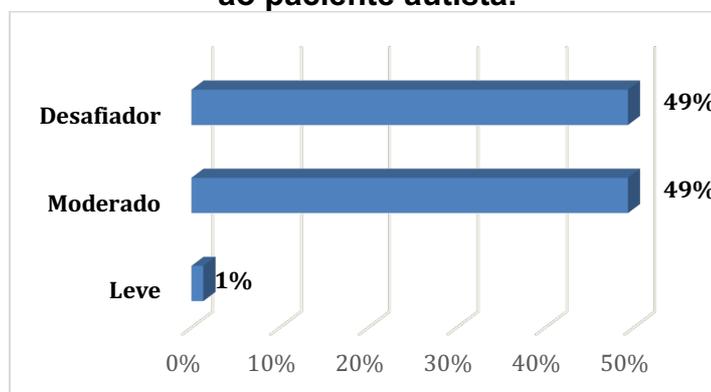
Fonte: Do autor, 2023.

De um total de 75 alunos, 73 (97%) alegaram ser importante abordar esse assunto durante a graduação do curso de enfermagem, seguido por – 2 (3%) acham que talvez seja importante (**Gráfico 7**). Estudos realizados em diversos cursos, como Educação Física, Psicologia e Medicina, comprovam esse déficit de conhecimento sobre o TEA, o que nos leva a acreditar que os cursos, em geral, não tratam o TEA como uma temática relevante a ser abordada ainda na formação dos futuros profissionais de saúde. O curso de graduação em enfermagem é conhecido por proporcionar ensino em saúde mental, num todo. No entanto, este espaço pode ter características diferentes, a depender das Instituições de Ensino Superior (IES), contudo a grade curricular possibilita ao graduando construir um ensino teórico-prático

durante a formação, redirecionando os métodos de trabalho para abordar e impactar a saúde das pessoas por meio de princípios, diretrizes e justificativas para a melhoria do atendimento (VARGAS *et al.*, 2018).

Ferreira (2022) corrobora sobre a necessidade de se estudar sobre o autismo na academia de enfermagem, quando afirma que a abordagem da temática do autismo durante a graduação do curso de enfermagem contribui para o conhecimento de como cuidar desses pacientes de forma eficaz e aprimorar sua qualidade de vida. Assim, os profissionais de enfermagem estarão preparados para abordar a condição de maneira adequada, monitorar o desenvolvimento dos pacientes e prestar assistência em casos de crise, acaba por corroborar sobre a necessidade de se estudar sobre o autismo na academia de enfermagem.

**Gráfico 8 - Grau de dificuldade que o enfermeiro tem ao prestar a assistência ao paciente autista.**



Fonte: Do autor, 2023.

De acordo com os discentes, 49% acreditam que para o enfermeiro, prestar assistência ao paciente autista é algo desafiador, outros 49% acham ser moderado e somente 1% crê que a dificuldade seja leve (**Gráfico 8**). O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno neurobiológico que afeta a comunicação, interação social e comportamento do indivíduo. Nos últimos anos, estudos apontam que o grau de dificuldade que um enfermeiro pode enfrentar ao prestar assistência a um paciente autista pode variar dependendo do paciente e das suas necessidades individuais. Portanto, pode ser desafiador, mas com a formação adequada compreensão das especificidades do autismo e uso de estratégias específicas, o enfermeiro pode prestar assistência de qualidade, com foco na criança, família e comunidade (Moura *et al.*, 2020).

Ainda, dentre os graus de dificuldade por parte da enfermagem em prestar a assistência ao paciente autista, destacam-se a necessidade de conhecer melhor a condição do paciente, a perfeita adaptação ao ambiente do paciente, para que a assistência seja fornecida de uma forma que seja aceita e compreendida e por fim estabelecer uma relação de confiança entre o enfermeiro e o paciente, o que pode ser difícil para alguns pacientes autistas devido a dificuldades de interação (DO NASCIMENTO, 2022).

**Gráfico 9 – A importância do papel do enfermeiro na assistência ao autista.**

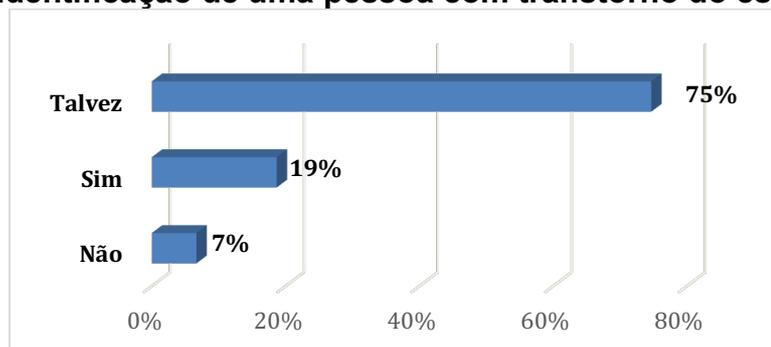


Fonte: Do autor, 2023.

No questionário havia uma questão aberta para que os entrevistados pudessem colocar de forma livre a opinião quanto a importância do papel do enfermeiro na assistência ao autista, que após compilado resultou nas seguintes respostas: 29% acreditam ser a humanização/empatia na assistência ao paciente com TEA, 23% na comunicação efetiva, 20% em proporcionar acolhimento efetivo, 16% na continuidade na assistência ao paciente com TEA, 8% na competência e habilidade técnica e 4% deixaram em branco (**Gráfico 9**).

Para prestar uma assistência holística, o enfermeiro deve conhecer as características do TEA e suas manifestações clínicas, além de estar preparado para lidar com situações de crise comportamental. Ele também pode ser um facilitador na coordenação dos cuidados com outros profissionais de saúde, educadores e familiares, garantindo a continuidade e a integralidade da assistência, proporcionando um atendimento desprovido de preconceitos e centrado às necessidades específicas do paciente. A comunicação com o paciente deve ser realizada de forma clara, objetiva e adaptada às suas habilidades de comunicação, incluindo recursos visuais, gestos e comunicação alternativa (MAGALHÃES *et al.*, 2020).

**Gráfico 10 – Identificação de uma pessoa com transtorno do espectro autista.**



Fonte: Do autor, 2023.

Ao perguntarmos aos acadêmicos se saberiam identificar uma pessoa autista, 75% informaram que talvez, 19% afirmaram que sim quando 7% acreditam que não (**Gráfico 10**). A identificação de uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser difícil em alguns casos, pois a condição pode apresentar uma grande variedade de sintomas e níveis de gravidade. O diagnóstico precoce e o acompanhamento médico e terapêutico adequado são essenciais para o desenvolvimento e qualidade de vida das pessoas com TEA, que deverá ser realizado por um profissional de saúde qualificado que avaliará o histórico médico, comportamental e de desenvolvimento da pessoa, além de realizar testes específicos de avaliação (SOELTL; *et al.* 2021).

A dúvida em relação as respostas dos estudantes, quanto a identificação de pessoas com TEA, tem base literária, pois vários autores destacam que geralmente a condição de detectar casos de autismo é difícil e os sintomas podem variar de pessoa para pessoa. Além disso, é necessário que os profissionais de enfermagem possuam conhecimento sobre transtornos do espectro autista (TEA) recebam treinamento adequado para lidar com pacientes autistas, o que dificulta o diagnóstico (DE OLIVIER, 2020).

**Gráfico 11 - Características do TEA.**



Fonte: Do autor, 2023.

Em se tratando das características do TEA, em um momento do questionário foram solicitados que apontassem as 3 (três) características que indicavam o paciente com transtorno autístico de acordo com a sua opinião pessoal. Com 30% dos resultados obtidos: Dificuldades nas interações sociais, em seguida tem-se: Dificuldade de comunicação – 25% (57); Altas habilidades cognitivas – 16% (36); Hiperatividade 13% (30); Timidez 8% (19); Alterações motoras 7% (16); Facilidade de compreensão e crises convulsivas empatado, ambos com 1% (2) cada (**Gráfico 11**).

Dificuldades nas interações sociais/dificuldade de comunicação: Estratégias lúdicas que incluem o uso de comunicação visual, como fotos ou pictogramas, podem ser úteis para ajudar indivíduos com autismo a se envolverem em interações sociais, auxiliando-o expressar pensamentos e sentimentos, a modelagem de comportamentos sociais adequados e a prática de habilidades sociais por meio de jogos e atividades. Além disso, é importante que a família, amigos e profissionais de saúde mental apoiem e aceitem as diferenças individuais de cada pessoa com autismo e trabalhem juntos para criar um ambiente seguro e inclusivo (RAMALHO; et al. 2019).

Altas habilidades cognitivas: O autismo é um distúrbio que afeta o desenvolvimento neurológico e pode levar a uma ampla variedade de habilidades cognitivas. Muitas pessoas com autismo têm habilidades cognitivas únicas e podem se destacar em áreas específicas, como memória, atenção seletiva, habilidades matemáticas e habilidades visuais espaciais. No entanto, outras habilidades cognitivas podem ser afetadas, como a comunicação, a flexibilidade mental e a compreensão de linguagem abstrata. O suporte e a compreensão são fundamentais para ajudar indivíduos com autismo a desenvolver suas habilidades cognitivas. Isso pode incluir o uso de terapias comportamentais e educacionais específicas, adaptações no ambiente e comunicação visual (OLIVEIRA,2020).

#### 4. Considerações Finais

Diante dos dados analisados conclui-se ser essencial que os estudantes de enfermagem recebam uma formação adequada sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que essa condição tem se tornado cada vez mais comum em nossa sociedade e poucos profissionais têm interesse em atuar nessa área. O conhecimento sobre TEA permite que os profissionais de enfermagem forneçam atendimento de qualidade aos pacientes, além de garantir que as necessidades específicas desses pacientes sejam atendidas.

A pesquisa mencionada destaca que os estudantes de enfermagem possuem um conhecimento razoável, mas também têm vulnerabilidades significativas em relação ao TEA. De acordo com os resultados, na visão dos discentes, a maior dificuldade encontrada pelos autistas e seus familiares é a falta de profissionais capacitados. Isso ressalta a importância de abordar os transtornos do espectro do autismo durante a graduação em enfermagem, para que os futuros profissionais possam buscar se especializar nessa condição e se sentir mais confiantes em relação à prestação de cuidados éticos e baseados em evidências para essa população.

Nesse contexto, acentua-se que uma abordagem para lidar com esse déficit é incluir mais disciplinas sobre transtornos neurológicos nos currículos de enfermagem, para que os estudantes de enfermagem possam se familiarizar com as questões de saúde mental desde o início da sua formação. As instituições de ensino podem oferecer programas de atualização, palestras, cursos e materiais informativos com o intuito de garantir que os futuros profissionais tenham as habilidades e conhecimentos necessários para fornecer um atendimento de qualidade aos pacientes com TEA.

#### Referências

ARAÚJO, CM *et al.* O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **REBIS**, v. 1, n. 3, p. 31 – 35, 2019.

AGGIO, Marina Toscano; DE JESUS, Luciano Bussolaro. Benefícios da atividade física para crianças com TEA-Transtorno do Espectro Autista. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 31, p. 177-188, 2022.

AGUIAR, Delma Do Carmo Ker. **escolarização de adolescentes autistas na ótica de educadores e familiares**, 2021.

ARREAS, AS; *et al.* O fazer do enfermeiro na assistência à criança autista: uma pesquisa-ação. *Parainfo digital - Monográficos de investigacion en salud*, nº 25, 2016.

BORTONE, ART; WINGESTER, ELC. Identificação do espectro do transtorno autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. **Rev. Digital FAPAM**, v. 7 n. 1, 2016.

BRAGA, Maria Rita; ÁVILA, Lazslo Antonio. Detecção dos transtornos invasivos na criança: perspectiva das mães. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 6, p. 884–889, dez. 2004.

BRASIL. **Decreto 6.949, de 25 de agosto de 2009.** Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno de Espectro do Autismo. Editora MS-OS (Ministério da saúde), v. 1, 2014. Disponível:

[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_reabilitacao\\_pessoa\\_autismo.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf). Acesso em: 07/10/2022.

BRASIL. **Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança.**

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021. Disponível em:

<https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea>. Acesso em: 16/10/2022.

BRASIL. **Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Diário Oficial da União, 2012. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20112014/2012/lei/l12764.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 16/10/2022.

BRASIL. **Lei Nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020.** Institui a carteira de identificação da pessoa com transtorno espectro autista (ciptea). Diário Oficial da União, 2020.

Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20192022/2020/lei/L13977.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20192022/2020/lei/L13977.htm). Acesso em: 16/10/2022.

CARDOSO, ML. **Práticas de cuidado do enfermeiro às crianças com autismo e suas famílias.** UFRGS Lume – repositório digital. 2018. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/10183/184545>. Acesso em: 24/09/2022.

CDC. **Autism Spectrum Disorder (ASD).** CDC 24/7: Saving Lives, Protecting People, 2018. Disponível em: <https://www.cdc.gov/>. Acesso em: 18/10/2022.

COSTA, David Danilo de Araujo; FERREIRA, Jonathan Silva; RAMOS, Kiara Portes. **Descobrimo faíscas:** história em quadrinhos interativa como facilitador na inclusão de autistas. 2023.

COSTA, Suelia Alves da. **Transtorno do Espectro Autista: desafios e perspectivas no atendimento de profissionais de saúde em um centro de reabilitação na região Seridó Potiguar.** 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DA SILVA, Silvio Éder Dias *et al.* **Representações sociais e saúde.** Paco e Littera, 2022.

DARTORA, DD; MENDIETA, MC; FRANCHINI, B. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, v. 4, n. 1, 2014.

DE SENA, Romeika Carla Ferreira *et al.* Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de pesquisa cuidado é fundamental online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

DO NASCIMENTO, Elaine Legal *et al.* **Capítulo II - a atuação da enfermagem no cuidado com a criança com transtorno do espectro autista (TEA).** AMPLAMENTE, p. 34, 2022.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, p. e200027, 2020.

FERREIRA, Joab Cardoso. **Assistência de enfermagem na rede básica frente aos cuidados de pacientes com espectro autista**: uma revisão de literatura. 2022.

GIL, Carlos, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6ª edição. São Paulo, Atlas, 2017.

JOHNSON, Norah L.; LASHLEY, Joel; STONEK, Alice V.; BONJOUR, Annette. Children With Developmental Disabilities at a Pediatric Hospital: Staff Education to Prevent and Manage Challenging Behaviors. **Journal of Pediatric Nursing**, v. 27, n. 6, p. 742–749, dez. 2012.

LACIVITA, Enza; PERRONE, Roberto; MARGARI, Lucia; LEOPOLDO, Marcello. Targets for Drug Therapy for Autism Spectrum Disorder: Challenges and Future Directions. **Journal of Medicinal Chemistry**, v. 60, n. 22, p. 9114–9141, 22 nov. 2017.

LANDO, F. **Pesquisa exploratória, descritiva ou explicativa, 2020**. Disponível em: <https://www.academica.com.br/post/pesquisa-exploratoria-descritiva-explicativa>. Acesso em: 14/04/2023.

LIRIA, Gilmara Moreira Silves; BRITO, Maêssa Moraes. Perfil clínico de pacientes autistas atendidos no município norte do ES. 2019.

MACHADO MH, *et al.* Características gerais da enfermagem: o perfil sociodemográfico. **Revista Enfermagem em foco**, vol 07, 2016.

NASCIMENTO MA, Pereira M, Garcia SCM. Autismo infantil: acolhimento e tratamento pelo Sistema Único de Saúde. **Rev. Valore**. [Internet]. 2017. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/35/47>. Acesso em: 14/04/2023.

PAIVA, FJ. O que é autismo? Revista Autismo, 2020. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/o-que-e-autismo/>. Acesso em: 08/04/2022.

PROENÇA, Maria Fernanda Rocha *et al.* A tecnologia assistiva aplicada aos casos de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 31, p. e541-e541, 2019.

RODRIGUES, MRC; QUEIROZ, RSA; CAMELO, MS. Assistência de Enfermagem a pacientes com Transtorno do Espectro Autista. **Rev. ReBIS**, v. 3, n. 4, 2021.

SENA, Romeika Carla Ferreira De; REINALDE, Elda Medeiros; SILVA, Glauber Weder Dos Santos; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. Practice and knowledge of nurses about child autism. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 2707–2716, 1 jul. 2015.

SILVA, EL; MENEZES, EM. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **Rev. atual.** 3 ed., p.121, 2001.

SILVA, SHGM; *et al.* A assistência de enfermagem diante de pacientes com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão de literatura. **ScireSalutis**, v. 11, n. 2, 2021.

SOUSA, AMBS; SOUSA, CS. Produções científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Rev. Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Vol. 01, p. 387-406, 2017.

STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena. Pais de autistas: acolhimento, respeito e diversidade. Literare Books, 2022.

TERRIBILI FILHO, Armando. Ensino superior noturno: problemas, perspectivas e propostas. Marília: FUNDEPE, 2009.

TRINDADE, Carla dos Santos et al. Autismo e seus desafios na educação básica na escola municipal de educação infantil Aturiá. 2022.